

Ária bovina na berlinda

Então no Fórum de Davos atrela a criação de gado a problemas ambientais e de saúde pública e sugere a carne por proteínas alternativas, mas a pesquisa não reflete a realidade da produção bovina nacional

O Futuro da Carne. Esse é o tema da pesquisa apresentada no Fórum Mundial de Davos, que aconteceu nos dias 22 e 23 deste mês nos Alpes suíços. O estudo publicado pela Universidade de Oxford defende a substituição da carne bovina por proteínas alternativas, como carne sintética, tofu, insetos, lentilha, nozes e jaca. Os impactos ambientais para a produção de carne estão entre os argumentos contra um bom churrasco. A pesquisa aponta que a produção de carne bovina foi a responsável por 25% das emissões de gases do efeito estufa do setor de alimentos em 2010. Mas há controvérsias sobre o assunto. "Os dados de emissões da pecuária, o famoso 'pum' do bovino, precisam ser revistos. Todos os balanços consideram apenas o que é emitido pelo gado, nunca o que é removido pelo sistema produtivo", diz o engenheiro agrônomo Maurício Palma Nogueira, sócio da Athenagro e coordenador do Rally da Pecuária, expedição técnica que percorre o Brasil avaliando as condições da bovinocultura de corte no País.

De fato, os dados apresentados na pesquisa de Oxford não condizem com a realidade da pecuária tropical brasileira. Segundo o estudo, são gerados 23,9 quilos de CO² por 200 quilocalorias (Kcal) de carne produzida, uma quantidade alta em comparação com insetos ou feijão, que emitem 1 quilo de CO² por 200 Kcal. No entanto, segundo Alexandre Berndt, pesquisador de Sistemas de Produção Susten-

táveis da Embrapa, "No Brasil, em pastagens com o uso de tecnologias básicas, as emissões são 10 vezes menores do que as apresentadas no relatório". E, se forem consideradas as fazendas com sistemas de produção pecuária de ponta ou as que fazem a Integração Lavoura-Pecuária-Floresta (ILPF), o saldo de emissões de CO² pode ser negativo (vide box).

DIFERENTES PADRÕES DE CONSUMO

Outro ponto levantado foi o prejuízo à saúde provocado pela ingestão excessiva de carne bovina. Mas a premissa reflete a realidade da América do Norte e de alguns países da Europa, não do mundo como um todo. Os EUA têm um consumo per capita de 37,2 quilos/ano; o Canadá, 26,2 quilos/ano; a França, 23,3 quilos/ano; os Emirados Árabes e o Japão estão na casa de 9,5 quilos/ano; e a China registra 5,7 quilos/ano. "O consumo abusivo de qualquer alimento é prejudicial à saúde", diz Berndt. O argumento é compartilhado por Nogueira: "A sugestão de uma alimentação balanceada, envolvendo diversas opções de alimentos, te-

rá um efeito mais benéfico do que a troca de carne por tofu, jaca, lentilha ou hambúrgueres produzidos em laboratório por um valor equivalente a R\$ 93 o quilo nos EUA", diz. "No Brasil, a carne bovina mais cara é comercializada a R\$ 22 o quilo, na média", acrescenta o consultor.

A pesquisa faz uma projeção para 2050 e classifica como inaceitável para os objetivos de desenvolvimento sustentável frente às mudanças climáticas um aumento da produção de carne bovina para alimentar 10 bilhões de pessoas nos padrões de consumo da América do Norte e da Europa. "Isso é outro exemplo de desconhecimento sobre os sistemas de produção. Se considerar apenas o modelo de clima temperado, o raciocínio faz sentido. Mas o grande potencial de produção proteica está nos trópicos", diz Nogueira.

O pesquisador da Embrapa e o sócio da Athenagro são defensores de uma pecuária "bem-feita", com adoção de boas tecnologias. Hoje é baixa a produtividade média no Brasil: 4,5 arrobas por hectare/ano. Mas os dados do último Rally da Pecuária, que percorreu

“No Brasil, em pastagens com o uso de tecnologias básicas, as emissões de CO² são 10 vezes menores do que as apresentadas no relatório”

ALEXANDRE BERNDT
PESQUISADOR DA EMBRAPA

